
Rainha, resistência e horror: um mapeamento de cineastas negras no Brasil¹

Júlia Alves do Carmo²

Lara Lima Satler³

Universidade Federal de Goiás – UFG

Universidade Federal de Goiás – UFG

Resumo

Este artigo tem como objetivo principal o mapeamento das cineastas negras brasileiras que atuam no cinema de horror e estéticas sombrias, buscando identificar suas obras, trajetórias e abordagens. Utilizando uma metodologia cartográfica, a pesquisa reúne produções muitas vezes invisibilizadas nos circuitos comerciais e acadêmicos, valorizando narrativas que tensionam o racismo estrutural e a marginalização estética. Fundamentado em teorias da comunicação, cinema negro e decolonialidade, o estudo contribui para ampliar a visibilidade e fortalecer um campo emergente de resistência estética e política no audiovisual brasileiro.

Palavras-chaves: cinema negro; mulheres negras cineastas; horror negro; representação; estética do terror

Introdução

Rita nos encara. Apesar de ser carnaval, ela não está ali para ser admirada, amada ou celebrada, está ali lutando. Todos os dias, enfrenta o racismo, a solidão e a invisibilidade. Rita se expõe e, ao fazê-lo, nos expõe também: escancara o pacto social que naturaliza sua dor e sua exclusão. Ao fim, ela sorri. Mas não é um sorriso de alívio, tampouco de felicidade. É um riso que talvez flerte com a loucura, resultado de uma existência que se cansa de resistir.

Iniciamos este texto partindo dos traços centrais do curta-metragem *Rainha* (2016), dirigido por Sabrina Fidalgo. Sua protagonista, Rita, é uma mulher negra, sambista e brasileira. Narrar sua dor, aqui, é um ato duplo: primeiro, como denúncia; segundo, como resistência. Ao escancarar de maneira insólita e incômoda o contexto racista em que está inserida, Rita se inscreve numa longa linhagem do cinema negro, que há gerações constrói narrativas contravisuais, narrativas que resistem, confrontam e subvertem os modos hegemônicos de representação.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 18º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda em Comunicação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da FIC-UFG, e-mail: julia.alves0207@gmail.com

³ Doutora em Comunicação, professora titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da FIC-UFG, e-mail: lara_lima_satler@ufg.br

Somos duas pesquisadoras que se encontram neste estudo por diferentes caminhos e experiências. A autora principal deste trabalho é uma mulher branca, que reconhece não ter acesso pleno às camadas da vivência de ser uma mulher negra no Brasil. Contudo, estudo esse tema porque venho de uma família negra que nunca se viu representada na tela, jamais se reconheceu nas narrativas audiovisuais dominantes. Essa ausência gera uma inquietação e um compromisso pessoal que me motiva a contribuir para ampliar o campo da visibilidade, por meio de um olhar ético e respeitoso.

A coautora, orientadora desta pesquisa, contribui com sua escuta atenta e perspectiva situada, fortalecendo o compromisso ético de aproximação e respeito à complexidade dessas narrativas. Juntas, buscamos um diálogo que reconheça a historicidade dessas experiências e valorize a potência dos sujeitos retratados.

Compreendemos a comunicação como uma prática social capaz de transformar o abstrato em concreto. Vera Veiga França (2001) a define como fenômeno simbólico, enquanto Luiz Martino (2009) destaca sua relação com a produção e o consumo de significados. Alinhadas a essas concepções, consideramos que o cinema e, em especial, o cinema negro, também realiza esse movimento: ele comunica o indizível, produz sentido e convoca afetos.

Esta pesquisa parte da urgência em mapear a produção cinematográfica de mulheres negras brasileiras que atuam no campo do horror e de estéticas sombrias. Ao longo da história do cinema nacional, essas cineastas foram sistematicamente apagadas, e suas obras, muitas vezes experimentais ou de baixo orçamento, permanecem fora dos catálogos oficiais, das plataformas de exibição e dos circuitos de festivais.

Nosso objetivo é identificar essas realizadoras, conhecer suas trajetórias e reunir suas produções em uma cartografia afetiva e política que contribua para a valorização de seus trabalhos. Esse movimento não se limita à catalogação: ele propõe refletir sobre as condições de existência dessas obras e sobre os modos de resistência que atravessam seus fazeres cinematográficos.

Tomando como ponto de partida o curta-metragem *Rainha* (2016), de Sabrina Fidalgo, refletimos sobre como o horror negro pode se constituir como espaço de denúncia e elaboração simbólica das violências históricas sofridas por mulheres negras. A partir disso, ampliamos o olhar para outras cineastas brasileiras que, mesmo fora do mainstream, vêm utilizando o audiovisual como instrumento de enfrentamento ao racismo estrutural e à marginalização estética. O mapeamento, nesse sentido, é tanto um

recurso metodológico quanto um posicionamento político: trata-se de construir visibilidade para narrativas que tensionam o imaginário hegemônico e reinscrevem a presença negra no cinema a partir de perspectivas próprias, múltiplas e potentes.

Cinema negro de terror

É comum associar cinema apenas aos longas-metragens, mas, em seus primórdios, a sétima arte se estruturava majoritariamente por meio de curtas-metragens, pequenas narrativas capazes de transmitir sentido de forma sintética e intensa. O curta *Rainha* (2016), de Sabrina Fidalgo, resgata essa lógica original do cinema, funcionando como resistência à padronização hegemônica imposta por Hollywood.

Desde a década de 1910, com a chegada dos épicos europeus de múltiplos rolos aos Estados Unidos, como *L'inferno* (1909) e *Gerusalemme Liberata* (1910), a indústria passou a investir nos longas, priorizando o lucro e o apelo de mercado (Matta, 2010). Nesse contexto, o curta-metragem passou a representar uma contracorrente estética e política.

O cinema negro de horror, por exemplo, caminha nessa direção: ele não apenas provoca medo, mas denuncia violências raciais e propõe outras formas de narrar o terror. Nesta perspectiva Jean-Louis Comolli rejeita a concepção linear de história que os autores clássicos de cinema traziam. Comolli propunha a construção de uma história materialista do cinema, que fosse baseada mais nas descontinuidades e rupturas do que num esquema evolutivo (Comolli 1971). E nesta perspectiva de se estudar a história do cinema é fundamental retratar a descontinuidade do cinema negro como contra hegemônica.

Robin R. Means Coleman, em sua obra *Horror Noire: A History of Black Horror* (2011), mapeia a trajetória do horror negro nos Estados Unidos, desde a exclusão sistemática dos corpos negros nas primeiras décadas do cinema até a sua inserção estratégica em papéis que ressignificam o protagonismo.

O gênero de horror, historicamente dominado por narrativas brancas de *O Castelo do Demônio* (1896) até filmes como *Hereditário* (2018), tende a invisibilizar experiências negras. O cinema, nesse contexto, torna-se espaço de resistência estética e política, onde o medo é linguagem que denuncia o racismo estrutural e reconfigura sentidos culturais. O primeiro filme de terror com um elenco inteiramente negro foi “O filho de Ingagi”, lançado em 1940. No entanto, o filme “A Noite dos Mortos-Vivos”, de 1968, é

frequentemente citado como um dos primeiros filmes de terror com um protagonista negro, interpretado por Duane Jones.

Além desses filmes, o gênero "blaxploitation"⁴ horror" surgiu na década de 1970, com filmes como "Blacula" (1972) sendo um dos primeiros exemplos. "Blacula" é um filme de terror sobre um vampiro negro e é considerado um dos filmes mais importantes dentro do gênero. A representação de negros em filmes de terror tem evoluído ao longo dos anos, com diretores como Jordan Peele, Ernest Dickerson, e Rusty Cundieff trazendo personagens negros com narrativas mais complexas e significativas.

Autoras como Tananarive Due destacam que o horror é, para criadores negros, uma linguagem de sobrevivência, pois suas vidas sempre estiveram cercadas de assombros reais, como a brutalidade policial, o apagamento cultural e a desumanização histórica. Cineastas como Jordan Peele, com *Corra!* (2017) e *Nós* (2019), e Nikyatu Jusu, com *Nanny* (2022), transformaram o horror em um território de reivindicação política, revelando um cinema que pensa a negritude não como objeto do medo, mas como sujeito do olhar, um olhar que observa, denúncia e subverte.

Entre assombrações e vivências

Já no Brasil, o cinema negro de horror é um fenômeno contemporâneo, que emerge com força a partir dos anos 2000, impulsionado por movimentos sociais, coletivos audiovisuais negros e políticas públicas de incentivo à cultura. Até então, a presença de personagens negros nas telas era marcada por estereótipos e subalternidades, como analisa Joel Zito Araújo em *A Negação do Brasil* (2000), ao denunciar as representações racistas nas telenovelas. Antes disso, nos anos 1960, filmes como *Barravento* (1962), de Glauber Rocha, e *Ganga Zumba* (1964), de Cacá Diegues, haviam trazido personagens negros ao centro da narrativa, mas ainda sob a ótica de cineastas brancos e dentro da lógica do Cinema Novo.

A crítica sistemática à invisibilidade negra e à ausência de autores negros no audiovisual brasileiro se intensifica a partir do final dos anos 1990, quando diretores como Jeferson De e Joel Zito Araújo passam a construir uma estética e uma linguagem próprias, culminando em manifestações como o *Dogma Feijoada* (2000), que defendia a produção

⁴ Blaxploitation é um gênero cinematográfico dos anos 1970 nos EUA, que destaca a cultura negra por meio de personagens fortes e independentes que desafiam a ordem social vigente.

de um cinema negro com identidade cultural própria, e o *Manifesto do Recife* (2001), que reivindicava protagonismo de artistas e técnicos negros também nos bastidores.

Essa virada é fruto de um longo processo de resistência intelectual e cultural, que se fortalece com o surgimento do Movimento Negro Unificado (MNU), fundado em 1978, e encontra no audiovisual uma ferramenta de denúncia e reconfiguração simbólica. Janaína Oliveira (2016) identifica o cinema negro brasileiro como parte de um projeto estético-político, articulado em torno de estratégias de decolonialidade e contravisualidade (Mirzoeff, 2013), que confrontam o mito da democracia racial e as imagens coloniais historicamente atribuídas à população negra.

Nesse sentido, as produções de horror realizadas por cineastas negros, como *Gênesis 22* (1999), de Jeferson De, e filmes mais recentes de nomes como Larissa Fulana de Tal e Sabrina Fidalgo utilizam o gênero como meio potente de crítica social, revelando medos reais vividos por corpos racializados no Brasil. Assim, o cinema negro de horror brasileiro afirma-se como um território de criação simbólica e de disputa política, em que o passado escravocrata, a violência estrutural e os mecanismos de exclusão são reimaginados por vozes negras que recusam o silenciamento histórico.

Mulheres que dão medo

O cinema de terror negro feminino no Brasil emerge como uma potente resposta estética e política às experiências de opressão, apagamento e violência vividas pelas mulheres negras no país. Longe de repetir fórmulas clássicas do gênero, essas cineastas subvertem o terror tradicional ao transformar o cotidiano em campo de tensão e o corpo negro feminino em território de resistência.

O medo, aqui, não vem de monstros imaginários, mas do racismo estrutural, da brutalidade institucional e das marcas históricas deixadas pela escravidão e pela colonização. É um cinema que reconfigura os códigos do horror ao incluir a ancestralidade, a espiritualidade afro-brasileira e as experiências subjetivas de dor, luta e cura como elementos centrais da narrativa.

Esse movimento é protagonizado por mulheres como Sabrina Fidalgo, Juh Almeida, Camila de Moraes, Carolen Meneses e Vaneza Oliveira, entre outras, que propõem olhares complexos e inovadores sobre o terror. Em suas obras, o que assombra não é apenas o espectro do sobrenatural, mas o fantasma do racismo cotidiano, a

monstruosidade do machismo e a invisibilidade da mulher negra na sociedade e no próprio cinema.

Ao mesmo tempo, essas realizadoras produzem novas imagens de poder e pertencimento ao resgatar mitologias negras, incorporar referências culturais afro-diaspóricas e tensionar os limites entre medo e encantamento. O cinema de terror negro feminino brasileiro, portanto, não apenas desafia os cânones do gênero, mas também reinscreve o imaginário coletivo, afirmando que o horror vivido pelas mulheres negras precisa ser contado e visto por suas próprias vozes.

Mapeamento de realizadoras

A partir do método cartográfico proposto por Deleuze e Guattari, que compreende a realidade como um campo em constante devir, este mapeamento não busca fixar categorias rígidas ou totalizantes, mas acompanhar os fluxos criativos, subjetivos e políticos que atravessam o trabalho de cineastas negras brasileiras.

O foco está naquelas que tensionam e reinventam o cinema de terror, expandindo suas fronteiras formais e conceituais. Aqui, o horror não se limita a um gênero cinematográfico específico, mas emerge como linguagem estética e poética que expressa medos cotidianos, dores históricas e enfrentamentos simbólicos vividos pelas mulheres negras.

O mapeamento foi realizado por meio de uma busca ativa e empírica, utilizando principalmente ferramentas de busca como o Google, com palavras-chave relacionadas a mulheres negras cineastas e cinema de terror no Brasil. A pesquisa priorizou a exploração de festivais nacionais voltados ao gênero, como o Morce-Go Vermelho - Goiás Horror Film Festival, o Cinefantasy – Festival Internacional de Cinema Fantástico, e o Fantaspoa – Festival Internacional de Cinema Fantástico de Porto Alegre, que também dialoga com questões de raça e gênero em suas curadorias.

Além disso, foi utilizada a plataforma Itaú Cultural Play como ferramenta fundamental para acessar obras de realizadoras negras independentes, permitindo identificar aquelas que, mesmo fora dos circuitos comerciais, propõem narrativas esteticamente sombrias, experimentais ou próximas ao horror. Esse processo metodológico buscou captar os rastros e gestos dessas criadoras, reconhecendo o horror como um dispositivo político de enunciação e resistência.

Esse percurso encontra marcos em obras como *Amor Maldito* (1984), de Adélia Sampaio, primeiro longa-metragem dirigido por uma mulher negra no Brasil. Embora classificado como drama e suspense, o filme tangencia o terror ao explorar o desejo feminino sob o cerco da censura, da moralidade e da marginalização. A protagonista é perseguida, julgada, violentada não por monstros, mas pela sociedade. É o terror da norma, da hipocrisia e da solidão.

Sabrina Fidalgo, com *Rainha* (2016), leva o espectador a um universo de estranhamento urbano e afrofuturismo. A protagonista, uma mulher negra solitária num Rio de Janeiro distorcido, vive o delírio de ascender ao estrelato. O curta propõe uma crítica afiada ao racismo estrutural e ao culto da imagem, usando o terror psicológico e o absurdo como recursos para expor as armadilhas do sonho social.

Aqui, o corpo negro feminino é palco e instrumento de horror e resistência. Em *Naúfraga*, Juh Almeida mergulha no horror íntimo e sensorial. Com uma estética atmosférica e narrativa experimental, o filme convida à experiência do luto, da dor e da perda sensações que se materializam como assombros internos. O terror, neste caso, é silencioso e afetivo, situado entre o simbólico e o espiritual.

Carolyn Meneses, com *Ímã de Geladeira*, transforma o cotidiano em território de mistério. O curta propõe uma leitura poética e fabular da vida doméstica, onde objetos ganham vida e sentidos ocultos. A interseção entre o afeto, a espiritualidade afro-brasileira e o estranhamento visual aproxima a obra de um horror mágico e ancestral, em que o lar pode ser abrigo e ameaça.

Já *O Caso do Homem Errado* (2017), de Camila de Moraes, retoma o terror do real: o genocídio da juventude negra. Trata-se de um documentário sobre a execução de Júlio César por policiais em Porto Alegre. A tensão é real, o medo é diário, a morte é política. Camila não recorre à ficção porque não precisa: o horror já está dado.

Edileuza Penha de Souza, com *Filhas de Lavadeiras*, constrói uma obra documental que, embora centrada na oralidade e memória de mulheres negras, traz um componente de assombro na repetição das violências geracionais. A presença dos corpos, das palavras e dos silêncios ecoa um tipo de fantasma social o da servidão, da negação de existência, do racismo velado. Um terror que se herda.

Por fim, em *Rã*, Ana Flávia Cavalcanti encarna, literalmente, um corpo em transfiguração. Atriz, diretora e performer, ela dá vida a uma narrativa sobre abandono, mutação e resistência. A figura da rã, no limite entre o humano e o animal, o grotesco e o

ritualístico, opera como metáfora para o corpo negro feminino em trânsito disforme, rejeitado, mas também mágico e indestrutível.

Essas cineastas não apenas ocupam um lugar no cinema brasileiro: elas criam novas rotas. Cada obra é uma linha de fuga que desestabiliza os gêneros, reconfigura o horror e propõe um cinema onde o medo não é entretenimento, mas revelação. A cartografia aqui proposta é viva, aberta e insurgente assim como seus traços, vozes e imagens.

Cartografia Visual do Terror Negro Feminino no Cinema Brasileiro

Realizadora	Obra(s)	Ano	Forma	Linha de Força / Temática	Estética do Horror
Adélia Sampaio	<i>Amor Maldito</i>	1984	Longa / Ficção	Desejo feminino, censura, marginalização	Suspense, terror social e simbólico
Sabrina Fidalgo	<i>Rainha</i>	2016	Curta / Ficção	Afrofuturismo, culto da imagem, racismo estrutural	Horror psicológico, absurdo, distorção urbana
Juh Almeida	<i>Naúfraga</i>	2018	Curta / Experimental	Luto, dor íntima, perda	Atmosférico, sensorial, simbólico
Carolén Meneses	<i>Ímã de Geladeira</i>	2022	Curta / Ficção	Cotidiano mágico, espiritualidade afro, domesticidade	Horror mágico e ancestral
Camila de Moraes	<i>O Caso do Homem Errado</i>	2017	Documentário	Genocídio negro, violência policial	Terror do real, morte política
Edileuza Penha de Souza	<i>Filhas de Lavadeiras</i>	2019	Documentário	Memória oral, ancestralidade, violência geracional	Fantasmagoria social, assombro geracional
Ana Flávia Cavalcanti	<i>Rã</i>	2019	Curta / Performance	Corpo mutante, abandono, ritual	Grotesco, metamorfose, ritualístico ⁵

Conclusão

Este artigo evidenciou a potência do cinema de horror negro produzido por cineastas negras brasileiras como uma linguagem estética e política fundamental para

⁵ Tabela 1 - Cineastas negras brasileiras que trabalham com o terror (ou o tensionam), com destaque para seus filmes, tipos de abordagem e características principais.

expressar experiências históricas e contemporâneas de opressão, resistência e subjetividade. A partir do mapeamento realizado, foi possível identificar um campo emergente e diverso, marcado por obras que subvertem as convenções tradicionais do gênero para revelar o racismo estrutural, a violência institucional e as múltiplas formas de silenciamento que atravessam a vida das mulheres negras no Brasil.

Ao analisar o curta *Rainha* (2016), de Sabrina Fidalgo, destacou-se como o horror pode ser apropriado para tensionar o real e o fantástico, articulando narrativas que resistem ao apagamento e criam novas formas de representatividade. As realizadoras mapeadas não apenas produzem filmes de terror, mas, sobretudo, constroem um cinema insurgente que reconfigura o imaginário social e cultural, fazendo do medo uma ferramenta de denúncia e de reexistência.

Este trabalho reafirma a importância de reconhecer e dar visibilidade a essas vozes que, muitas vezes, ficam à margem dos circuitos comerciais e acadêmicos. O cinema negro de horror feminino no Brasil não é apenas um nicho estético, mas um campo político de luta contra as desigualdades, em que o corpo negro feminino se torna tanto o lugar do horror vivido quanto o vetor da transformação simbólica.

Por fim, a cartografia das cineastas negras brasileiras no horror proposta aqui se apresenta como um convite para que novas pesquisas e práticas culturais ampliem esse diálogo, fortalecendo a rede de criadoras e espectadores que acreditam na potência do cinema para reinventar realidades e insurgir contra o silêncio histórico. Assim, o horror negro não apenas assombra; ele resiste e reinventa.

Referências

CINEFANTASY. Disponível em: <https://cinefantasy.com.br/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

COLEMAN, Robin R. Means. *Horror Noire: A History of Black Horror*. Nova York: Routledge, 2011.

COMOLLI, Jean-Louis. Machines à vision. *Cahiers du Cinéma*, n. 229, 1971.

DUE, Tananarive. *Get Out: The Complete Annotated Screenplay*. Nova York: Abrams, 2019. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Get-Out-Complete-Annotated-Screenplay/dp/1941753280>. Acesso em: 10 jun. 2025.

FANTASPOA. Disponível em: <https://www.fantaspoa.com/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

ITAÚ CULTURAL PLAY. Disponível em: <https://www.itauculturalplay.com.br/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

MATTA, J. P. R. *Análise competitiva da indústria cinematográfica brasileira no mercado interno de salas de exibição, de 1994 a 2003*. 2004. 296 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004.

MORCEGO VERMELHO FESTIVAL. Disponível em: <https://morcegovermelhofestival.com.br/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

OLIVEIRA, J. P. *Seminário Olhares sobre os Cinemas de África e da Afrodiáspora*. 2015. (Congresso).

OLIVEIRA, J. P. *Mostra Por um Cinema Negro no Feminino*. Cachoeira (Bahia), 2016. (Festival).

RAMOS, Fernão Pessoa (Org.). *História do cinema brasileiro*. São Paulo: Art Editora, 1987.

VICENTE, Bruna Gabriela Corrêa; SILVA, Débora Cristina Santos e. *A Cartografia de Deleuze e Guattari como metodologia de pesquisa*. Universidade Estadual de Goiás, [s.d.]. Contato: bruna-gab@hotmail.com.

MELEIRO, Alessandra (org.). *Cinema e Mercado: Indústria Cinematográfica e Audiovisual Brasileira*. 1. ed. São Paulo: Escrituras, 2010. v. 3, 178 p. Disponível em: <https://www.cena.ufscar.br/wp-content/uploads/2021/02/Cinema-e-Mercado-Ind%C3%BAstria-Cinematogr%C3%A1fica-e-Audiovisual-Brasileira-Vol-III-Alessandra-Meleiro.pdf>. Acesso em: 3 jun. 2025.